O Gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher

CLARICE GATTO

Resenha do livro de Eliane Z. Schermann: *O Gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher.*
São Paulo: Escuta, 2003.

a tragédia da vida cotidiana: o destempero no gozo

GOZAR A VIDA COM O SUOR DE NOSSO TRABALHO, desde as escrituras bíblicas, é o que nos resta "depois da queda". "Antes da queda Adão trepava mas não gozava", conforme a bela expressão de James Joyce em *Ulisses.*

Eliane Z. Schermann parte desse abismo que se inscreve de modo mítico entre esse antes e esse depois sobre o qual a psicanálise desde Freud não pára de se escrever, porque não pára de revisitar os conceitos freudianos para tratar a materialidade enigmática que se apresenta no sintoma que leva uma pessoa a demandar tratamento psicanalítico.

Da experiência psicanalítica, nos informa a autora, partem as indagações que dão origem à sua pesquisa, inicialmente concebida como um trabalho de doutoramento. Ela propõe aos leitores a seguinte afirmação: "No que tange ao sujeito do inconsciente, uma reflexão sobre o que escapa à estrutura da linguagem que articula o desejo – se tudo no inconsciente é de estrutura, no entanto nem tudo é linguagem – levou à reflexão sobre a emergência do índice da sua relação com o *gozo*" (ou *jouissance,* conforme propõe Lacan).

Da obra freudiana ela recolhe duas noções e as eleva à dignidade de conceitos: a *feminilidade* e o *masoquismo* – porque fundamentais para operar o percurso do desejo de um sujeito em análise. Dos clássicos da tragédia grega alça a noção de *trágico* para pensar, com base no ensino de Lacan, a seguinte aporia: "se a ética da psicanálise nos remete ao trágico da existência" como, em realidade, "bem dizer"[1] esse "aspecto trágico da existência humana que reside na relação do sujeito com o desejo"?

[1] Lacan, Jacques. *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993, p.45.

A escrita densa e sinuosa desse livro revisita uma literatura extensa para expor em quase trezentas páginas três versões do trágico nos quatro primeiros capítulos – "O trágico e a experiência analítica", "Os heróis e o ato trágico", "O masoquismo: do pai o pior e as versões do pai", "O sexual e o trágico do feminino" – e para aproximar no último capítulo, "A tragédia do desejo em Nelson Rodrigues", a estrutura trágica do desejo à estrutura do inconsciente presente no percurso de uma análise.

Nos quatro primeiros capítulos, *o trágico* é a noção privilegiada para a construção do texto em sua articulação com a psicanálise. Inicia sua análise aproximando o ato analítico, se bem entendi, à estrutura do ato do herói trágico, porque ambos estão orientados pela "ultrapassagem de fronteiras, por estarem suspensos no inferno do gozo". Ao aproximar o masoquismo do trágico, é o desejo do sujeito que faz sua entrada para abordar, nos diz, que "o masoquismo provém do real e do imaginário, à medida que são interpretados pelo simbólico. Colocando-se em cena a fantasia de uma feminilização, ou seja, uma posição passiva em relação ao Outro. O masoquismo fixa o objeto primordial perdido. Esse objeto se torna correlato à castração, isto é, ao gozo materno interditado pelo pai, como instaurador da lei e articulador lógico da trágica experiência do desejo". O capítulo "O sexual e o trágico do feminino" – que encerra a reflexão teórica desse trabalho – se move em torno das bordas acerca do real em jogo nos encontros e desencontros humanos: afinal, como nos lembra, a linguagem, por sua estrutura significante, escapa ao todo da simbolização, levando o sujeito ao encontro real com a castração.

Confesso, porém, que senti falta de "mais texto" reservado à noção de *trágico*, dada a importância de sua utilização no percurso do trabalho. Certamente teria enriquecido a problemática desse estudo para pensar o ato trágico do sujeito desejante no percurso da experiência psicanalítica. Senti falta também de uma articulação maior entre a noção de *jouissance* [gozo] no ensino de Lacan e a leitura que podemos depreender, com base nesse ensino, a propósito dos conceitos eleitos (feminilidade e masoquismo) pela autora na obra de Freud.

No capítulo final encontramos a melhor parte do livro. O despudor com o qual a autora analisa e interpreta as peças de Nelson Rodrigues *Dorotéia*, *O anjo negro* e *Senhora dos afogados* demonstra a opção que fez ao aproximar essas "tragédias de costume" do universo da clínica. Nelas impera o "destempero do gozo". A proposição de Lacan[2] para "colocar um pouco de vergonha no tempero" não serve para conter nem a literatura

[2] Lacan, Jacques. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992, p.174.

de Nelson nem a tragédia da vida cotidiana que, em seu enredo, exacerba o horror ao saber inconsciente, ainda que dele se sirva. Certamente porque o imperativo superegóico, como lembra a autora, faz valer o paradoxo: interdita com certeza e liberta o sujeito dos caprichos no encontro real com o enigma do desejo do grande outro.

O que é o real? Não teria sido essa a pergunta subsumida na pesquisa desse trabalho? Talvez. Daí a atenção redobrada que precisei em minha leitura. Como ensina Lacan, "no real nada falta", e talvez por essa razão se estabeleceu na escrita uma estranha descontinuidade ao se fazer em cortes, estabelecer em conexões, promover em linhas divisórias na orientação das seqüências em que as reflexões vão sendo apresentadas. Bobagem esperar por continuidade! Há uma repetição no texto tão próxima da experiência real da análise, há um desejo de tornar possível o impossível de uma transmissão, há uma desobediência quase civil às regras acadêmicas e à possibilidade de "múltiplas entradas" no texto. Nessa perspectiva, tanto faz começar a leitura pelo segundo ou retomá-lo no quarto capítulo, os parágrafos esgotam em si cada indagação e nos remetem às dificuldades da escrita psicanalítica que, desde Freud, confia aos analistas a só conquistarem seu quinhão de saber posteriormente à vivência.

Se o livro de Eliane Z. Schermann exige leitores iniciados, não exclui os leitores principiantes, porque a escrita despretensiosa, ainda que bem referenciada aos textos tanto de Freud quando de Lacan, evoca no leitor "um retorno aos textos fundadores da psicanálise": legados de Freud, de Lacan e mais alguns outros.